**POMBAGIRA: Narrativas sobre feminino, invenção e transgressão do poder colonial**

Resumo

A proposta deste trabalho é abordar o signo pombagira e suas relações com o feminino como caminho para problematizar as questões da desigualdade e opressão de gênero. Partimos de sua identidade presente nos terreiros, no corpo e na rua, e em nossas elaborações sobre o “feminismo sem nome”, aquele que se apresenta na vivência das mulheres de maneiras múltiplas e que perpassa as incontáveis faces de pombagira. Assim, essas narrativas sobre formas de luta que interseccionam o feminino com pombagira manifesta nos corpos, ritos e símbolos caminhos de invenção e transgressão para o feminino violentando e ultrajado historicamente. As narrativas verbais e não verbais sobre/com pombagira carrega em suas textualidades inúmeras Marias. São elas mulheres inscritas na dança do tempo (re) existindo, (re) vivendo suas trajetórias, forças e belezas enfrentando e transmutando as formas de morte e apagamento vindas das construções racistas/machistas/patriarcais.

**Palavras – chave: Pombagira; Feminino; Relação**

A proposta deste trabalho é tratar narrativas que tem pombagira como texto principal para pensar as questões da mulher em diversos âmbitos. Desta forma, nos colocamos na interlocução com este signo para transitar por saberes subalternizados e invocá-la na sua relação com o feminino. A pombagira emerge para atar sobre a mulher no cotidiano da desigualdade de gênero através do caráter livre e transgressor que traz consigo. Propondo uma abordagem a partir do diálogo de saberes, nos valendo do conceito de cruzo (Rufino, 2019) enquanto operação teórico-metodológica, atravessando experiências e modos de sentir/fazer/pensar gestadas fora dos formatos dominantes, questionando a estrutura hetero/patriarcal/branca.

A intenção é perseguir caminhos contrários aos padrões dominantes nos valendo de variados saberes, invocando pombagira para pensar o problema onde opera a luta feminina, a partir da vivência da mulher no cotidiano da desigualdade de gênero, diante do caráter livre e transgressor que ela traz consigo.

A potência exusíaca encarnada no feminino é o que desestabiliza e transgride as regulações dos modos de ser calçados em princípios racistas e patriarcais conservadores das heranças do colonialismo. A pombagira e as suas amarrações de encante configuram um amplo repertório de antidisciplinas versadas nas encruzas. Essas ações táticas problematizam e reposicionam as dimensões de gênero e da raça em uma sociedade que tem o sexismo (incluindo nesse, o machismo) e o racismo como fundamentos (RUFINO; SIMAS, 2018 p.90).

Neste texto pombagira baixa a partir de uma identidade reivindicada por elas mesmas, nas narrativas e dinâmicas presentes nos terreiros, no corpo e na rua. Percorremos vias múltiplas a partir do que pombagira nos entrega enquanto interlocutora do nosso estudo, desenvolvemos nossa proposta quando nos encontramos no trabalho de campo[[1]](#footnote-1) e na textualidade feminina que permeia as manifestações desse signo. Ultrapassando versões definidas sobre essas entidades investiremos em reflexões sobre mulheres que estão à margem.

 Percorreremos algumas histórias contadas e recontadas nos terreiros e nas comunidades sobre as origens e experiências das pombagiras, as narrativas colhidas no campo de pesquisa (terreiros de umbanda e candomblé do subúrbio do Rio de Janeiro) falado pelas entidades e pelos praticantes das religiões de matrizes africanas. Ouviremos pombagira naquilo se propuserem a falar.

 Trabalharemos com pombagira enquanto um signo político, a partir do que ela se recusa a ser. A gargalhada e o corpo livre das Marias se posicionam firme frente a violência e a morte, são inúmeros pontos cantados e cantigas de terreiro que demonstram o caráter de enfrentamento e resistência nesse sentido. Não falaremos da articulação do signo com as questões femininas de maneira estática, ou tratando como uma solução automática, imediata para a violência, mas como uma via importante para questionar os variados contextos e lugares de opressão à mulher.

 Nossa reflexão passa pela memória, herança ancestral africana presente nos terreiros para além do culto religioso onde se pavimentou caminhos e tecnologias de enfrentamento aos mecanismos da escravização. A presença de pombagira ocupa as ruas, as latas de lixo, se manifesta contra à opressão performando no corpo demonizado, erotizado de maneira pejorativa, diminuído, discutiremos o imaginário da puta vinculado à pombagira, enquanto adjetivo para descrever a mulher pecaminosa, insurgente e livre.

A estrutura hetero/patriarcal branca e eurocêntrica atreladas ao cristianismo, ao longo da história nos processos colonizadores tinham o interesse de ajustar indivíduos para facilitar o controle social, utilizavam manipulação da culpa com noções de inferno e pecado. As manifestações de pombagira se relacionam constantemente ao inferno e ao diabo, diversos pontos cantados e a própria identidade reivindicada por elas marca esse lugar, afirmando mais uma vez seu movimento de transgressão, se apropriando da demonização para transformar e curar. Pombagira se apropria do corpo de mulher que carrega as marcas da demonização do ultrage e da morte construídos pelo patriarcado. Como em várias de suas narrativas expressam de forma poética, ela gargalha quando atearem fogo, bebe o veneno e não morre, desce no inferno e faz uma casa bonita lá. Suas narrativas reposicionam dor em cura e morte em vida.

Traremos uma análise com base na memória e nas práticas que as mulheres realizaram antes de nós para que estivéssemos vivas hoje, chamando a atenção para o caminho percorrido por quem pavimentou e construiu possibilidades enfrentando o machismo e mudando realidades, num movimento feminista sem nome, pois se pavimenta nas intersecções de referenciais não contemplados pelas narrativas ocidentalizantes. Assim, esses agenciamentos muitas vezes não são percebidos, mas estão atentos e articulados nas comunidades, nos terreiros, na rua e nos corpos. Eles tecem redes de proteção e cuidado, muitas vezes, socialmente invisíveis, mas fundamental para a vida das mulheres.

Pensaremos no caráter pedagógico de pombagira a partir de uma fala de Maria Navalha em conversa sobre esse trabalho: “é preciso educar os perna de calça”. Diante dessa afirmação da malandra refletimos sobre a urgência de uma educação antimachista em todos os âmbitos da sociedade, trazendo indicadores sociais sobre mulheres no Brasil para fomentar e embasar a discussão sobre a desigualdade de gênero.

Adotamos o cruzo (Rufino, 2019) enquanto operação teórico – metodológica da encruzilhada, não como uma metáfora ou fetiche, mas como conceito chave de nossa reflexão. A pombagira se localiza na encruzilhada, o feminino que ela emana e abarca se dá de forma encruzada com a pluralidade da mulher junto com a questão das ciências encantadas. “É a gargalhada da mulher pintada de vagabunda que versa o poder feminino interseccional, antirracista das ruas, esquinas e terreiros da diáspora africana. É essa mesma gargalhada que nos desloca e nos aponta outros caminhos” (RUFINO, SIMAS 2018, p.90).

Consolidamos nosso chão teórico no conceito de cruzo defendido por Rufino na obra “Pedagogia das Encruzilhadas”:

O cruzo é a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades das reinvenções e transformações. O cruzo, como perspectiva teórico-metodológica, dá o tom do caráter dinâmico, inventivo e inacabado de Exu. A encruzilhada, símbolo pluriversal, atravessa todo e qualquer conhecimento que se reivindica como único. Os saberes das mais diferentes formas, ao se cruzarem, ressaltam as zonas fronteiriças, tempos/espaços de encontros e atravessamentos interculturais que destacam saberes múltiplos e tão vastos e inacabados quanto as experiências humanas (RUFINO, 2019. p.86).

Na concepção filosófica de diversas culturas africanas e afro-brasileiras, e nas religiões referenciadas ali, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas diversos de conhecimento, traduzida por um “cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção” (MARTINS, 2022. p. 51). Nesse sentido, a encruzilhada é base de pensamento e de ação para a constituição epistemológica dos saberes africanos e afrodiaspóricos. Apresenta a possibilidade de interpretação do trânsito epistêmico e sistêmicos dos processos inter e transculturais que se confrontam e entrecruzam.

Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sígnica diversificada e, portanto, de sentidos plurais (IDEM, p.51).

 Pensando a partir da concepção religiosa e filosófica da gênese e da produção espiralada do conhecimento refletida por Martins (2022), a encruzilhada é um princípio de construção metafísica e teórica, operador semântico pulsionado de significância. Os saberes que derivam dessa encruzilhada revelam ensinamentos sofisticados, complexos e refinados pelos quais a memória se reinscreve

O que se movimenta nesse feitiço opera a partir da relação, na observação das subjetividades, no fio sensível e poético que amarra pombagira e mulher, para além da incorporação ou liturgia dos cultos. De que forma pombagira se manifesta entrecruzando os feminismos, se apresentando como signo político em resposta a desigualdade/violência de gênero?

 A partir do conceito de relação de Glissant (2021), percebemos que é no tateio da frequentação do abismo, e mesmo quando esquecido, que está contido o saber da relação, nessa dinâmica não há apenas cópia e acúmulo de matrizes culturais presente na troca entre os sujeitos ela se dá poeticamente, ao perceber que a teia relacional ocorre quando permitimos abrir nossa capacidade para perceber que “tudo entra em relação inclusive vivos e não vivos, palavra e paisagem”. Seguindo esse fio, a relação abriga em si a transformação, tendo um elo comum no imprevisível, nas formas que se fazem e desfazem diante do e com o sujeito.

 A gargalhada de pombagira questiona o lugar de silêncio para onde são empurradas as mulheres, sua dança, movimento e liberdade propõem a transformação e cura pela alegria. E como incomoda uma mulher alegre e livre. Putas, diabas, malditas! Pombagira sacode a constituição histórica do caráter diabólico atribuído ao feminino, a sexualidade vinculada à imoralidade como símbolo do mal. As moças afogam o machismo num rio de libido, fodem o patriarcado, gozam por cima e colocam em xeque a virilidade da misoginia. O saber corporal suas relações e sensações possibilitam manifestações de liberdade, vontade e textualidades da mulher, a partir das dimensões libido/eróticas do corpo. O corpo portador da alegria abriga possibilidades de enfrentamento das tristezas e mazelas, acolhe e emana vida.

Oferecemos essas palavras como gargalhadas, confiando na potência das coisas miúdas, nas entrelinhas indecifráveis do feitiço, na intrigante magia de quem encontra uma oferenda bonita na porta e não sabe se mexe ou não mexe, mas que se afeta no lapso entre o que vê e o não vê na medida do que se propõe a ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLISSANT, Édouard. A poética da relação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HADDOCK-LOBO, Rafael; RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. Arruaças. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 29 ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de janeiro: Cobogó. 2021.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

\_\_\_\_\_\_\_; ZALESKI, Clairí. Corre-Gira Pombagira: a política do saber das Marias no Ser Mulher. *Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens*, Eunápolis, v. 2, n. 4, p. 143-161, 2021.

1. As elaborações desse texto são parte do trabalho de pesquisa realizado na FEBF – UERJ em nível de mestrado acadêmico. [↑](#footnote-ref-1)